

מחלקת
חינוך
והדרכה



CHAGUIM

מחלקת
חינוך
והדרכה



Índice

Calendário judaico	2
Rosh Hashaná	5
Iom Kipur	10
Sucot	12
Simchat Torá	15
Sheminí Atzeret	15



O CALENDÁRIO JUDAICO

Durante um período considerável da história judaica antiga, a marcação do tempo entre os judeus era feita tendo como modelo os povos com os quais conviviam. Assim, os judeus conheceram quase todas as formas de marcar o tempo que foram utilizadas durante a antiguidade. De todas elas, a mais comum era a que se ligava a questão agrícola, uma vez que a economia da sociedade judaica primitiva era, principalmente, agrícola.

Um bom exemplo disto é a questão da demarcação do início do ano. Muitas eram as possibilidades e a mais conhecida ficava em torno do mês de Nissan (março/abril). A razão disto é muito simples. Esta era a época da primavera, das primícias, entendida como uma promessa de bons frutos e registrada pelos povos antigos, - inclusive os judeus - com o sacrifício de um carneiro.

Com a canonização da história judaica antiga, o mês de Nissan consagrou-se como a data nacional de formação do povo, tendo por base o êxodo do Egito e o sacrifício do carneiro foi incorporado a história como o sacrifício pascal, que tornou Pessach uma das três grandes festas de peregrinação quando da construção do Beit Hamikdash.

O calendário judaico consiste em 12 meses lunares organizados no contexto de um ano solar: Nissan, Iar, Sivan, Tamuz, Av, Elul, Tishri, Marcheshvan, Kislev, Tevet, Shevat e Adar. Como há uma diferença de pouco mais de onze dias entre os 354 do ano lunar e os 365 dias mais um quarto do solar, a cada 19 anos acontece, por 7 vezes (a cada três anos: 3º, 6º, 8º, 11º, 14º, 17º e 19º ano), um ano bissexto com um mês de 11 dias a mais (Adar Bet). Isto garante que cada festa coincida com o período agrícola no qual ela se insere originalmente, uma vez que a Tora determina que Pessach deve ocorrer na primavera. Quando isto acontece, todos os eventos como: festas do calendário anual, aniversários, ritos de passagem etc são executados em Adar Bet, considerado o verdadeiro Adar.


Este calendário coloca os meses ordenados a partir de Tishrei - data do Ano Novo Judaico, que é uma comemoração de caráter eminentemente religioso (Criação do Mundo) ou a partir de Nissan, época do Êxodo do Egito, considerada como a data nacional de formação do povo judeu.

Cada mês inicia com a lua nova e o 1º dia denomina-se Rosh Chodesh. “De lua nova a lua nova, e de Shabat a Shabat, toda pessoa deve vir adorar ante Mim, diz o Senhor” (Ieshaiahu 66: 23) Este versículo é uma das várias indicações bíblicas de que, naquele tempo, a lua nova era uma festa popular. Embora isto tenha perdido sua importância, ela continua a indicar o início do mês no calendário judaico até hoje. Na antiguidade, o início de um novo mês era determinado pelo Sanedrim (Sinédrio) de Ierushalaim a partir do testemunho de alguém que admitisse ter avistado a lua nova e era anunciado para toda a gola mediante o acendimento de fogueiras em lugares altos, a partir do Monte das Oliveiras. Esta imprecisão e certo desdém pelas preocupações com a contagem do tempo e pela astronomia - ao contrário do que ocorria com os outros povos da antiguidade, seus vizinhos - provavelmente advinha da antipatia religiosa dos judeus em relação a cultos idólatras como o do sol ou o da lua.

Quando grupos sectários judaicos determinavam datas divergentes (que também eram anunciadas por acendimento de fogueiras) o Sanedrim mandava mensageiros às terras mais distantes. Os judeus que viviam longe demais para serem informados do novo mês guardavam dois dias para Rosh Chodesh, ao invés de um. Este hábito é uma das justificativas para a existência do 2º dia ou dia galútico para as festividades judaicas datadas do período bíblico. Esta imprecisão necessitou ser superada. Era necessário que se criasse um calendário judaico fixo, baseado em dados precisos, para que a vida religiosa judaica ficasse sincronizada em todos os lugares. Várias tentativas foram feitas neste sentido, todas gerando muita polêmica. O estudo da astronomia com vistas ao calendário tornou-se uma parte necessária do currículo rabínico. A partir do século IV, aproximadamente, os meses passaram a ser demarcados por um cálculo matemático. Isto ocorreu também em nome do Bet Din e tal prática teria sido iniciada pelo Patriarca Hilel II. Este é o cálculo atualmente utilizado na contagem do calendário judaico, e durante muito tempo, continuou sendo justificativa de polêmica entre comunidades. Ele contém uma pequena imprecisão uma vez que se ganha um dia a cada 216 anos.


Segundo o calendário judaico, a lua faz uma volta completa em torno da terra em 29 dias, 12


horas, 44 minutos e 3 segundos. Então, cada mês é composto de 29 dias e meio, mas como é necessário definir-se mais claramente o tempo, alguns meses têm 29 e outros, 30 dias. Deste modo, no calendário judaico há cinco meses de 29 dias, cinco de 30 e dois de duração variável. Esta flexibilidade possibilita rearranjos para que certas festividades e eventos não caiam em dias proibidos. Por exemplo, Iom Kipur não deveria cair numa sexta-feira ou num domingo. Para os atos religiosos, os judeus adotaram a criação do mundo para marcar o início da contagem do calendário, o que - segundo seus cálculos baseados no Tanach - começa 3760 anos antes da Era Comum. Diz o Talmud que “Os nomes dos meses e os nomes dos anjos foram trazidos da Babilônia”.


 Nissan - 1º mês. Corresponde a março-abril. Signo zodiacal = Carneiro. Mês associado com a primavera e com a colheita da cevada. O 1º dia de Nissan é considerado o início do novo ano para o ciclo das festas (Êxodo do Egito) e a base para datar o reinado dos reis. Há também uma interpretação do Talmud de que o mundo foi criado em Nissan. A cada 28 anos, no início deste mês, faz-se uma cerimônia de bênção ao sol (birkat-ha-chama), representando a volta dos firmamentos a sua posição original na Criação do Mundo. 30 dias.

 Iar - 2º mês. abril-maio. Touro. 29 dias.


 Sivan - 3º mês. maio-junho. Gêmeos. 30 dias.


 Tamuz - 4º mês. junho-julho. Câncer. “Período de três semanas de luto pela destruição do Templo”. 29 dias.


 Av - 5º mês. julho-agosto. Leão. Mês mais “triste” do ano pela destruição dos dois Templos. 30 dias.


 Elul - 6º mês. agosto-setembro. Virgem. Como precede o período de arrependimento associado ao Ano Novo, é uma época de introspecção e preparação espiritual. Por isto, muitas comunidades, neste mês, sopram o shofar toda a


manhã, a fim de despertarem os devotos para o arrependimento. 29 dias.


 Tishrei - 7º mês. setembro-outubro. Libra. Mês no qual o homem é julgado por suas ações. Segundo uma visão talmúdica, o mundo foi criado em Tishrei; cada um dos (Avot) Patriarcas nasceu nesse mês e a redenção messiânica nele terá lugar. Se diferencia dos outros meses por não se recitar a bênção da Lua Nova em seu começo, pois este é em si mesmo um dia festivo. 30 dias.


 Marcheshvan - (heb. Gota a/amargo b de cheshvan) - 8º mês. outubro-novembro. a Época de chuvas ou b amargo por que nele não cai festa alguma. mês flexível.

 Kislev - 9º mês. novembro-dezembro. Sagitário. Flexível.

 Tevet - 10º mês. dezembro-janeiro. Capricórnio. Em seu 8º dia foi

 Completada a Septuaginta o que foi considerado trágico pelos rabinos. 29 dias.

 Shevat - 11º mês. janeiro-fevereiro. Aquário. 30 dias.

 Adar - 12º mês do calendário (fevereiro/março) judaico a contar de Nissan (êxodo do Egito), ou sexto mês a contar do ano novo judaico. Peixes. 29 dias.

No luach judaico encontramos eventos e festividades que se situam em categorias diferentes de caracterização e importância.

Entre as festividades de caráter religioso temos os lamim Tovim (“Dias Bons” ou santos) considerados os principais e as festividades ditas secundárias. Tudo o que é proibido no Shabat é também proibido num Iom Tov, exceto carregar algo, cozinhar e preparar comida. Nos dias santos secundários permiti-se tudo o que é

permitido em qualquer dia útil, especialmente trabalhar.

Os lamim Tovim são: Sucot, inclusive Shemini Atzeret e Simcha Tora, Pessach (os dois primeiros e os dois últimos dias), Shavuot, Rosh Hashana e Iom Kipur. Destas, três são consideradas as “Grandes Festas” (Shalosh Regalim) ou “Festas de Peregrinação”. O Deuteronômio ordenava -“Três vezes a cada ano, todo homem aparecerá diante do Senhor Teu Deus, no lugar que Ele escolher: na festa dos pães sem fermento, na festa das semanas e na festa dos Tabernáculos”, ou seja, Pessach, Shavuot e Sucot. Os dez dias intermediários entre Rosh HaShana e Iom Kipur são chamados lamim Noraim (Os Dias Terríveis) e têm um caráter solene, com muitas obrigações, embora sem grandes proibições.

Os dias festivos secundários são Rosh Chodesh (o primeiro dia do mês judaico) Chanuka e Purim. Os dias intermediários de Pessach e Sucot e Sucot também são secundários ou Chol Hamoed.

Ao longo do tempo, datas nacionais e históricas e de cunho cultural foram agregadas a este calendário religioso. Assim, temos Tu B'Shvat, Lag Ba Omer, Iom Ierushalaim, Iom HaZikaron, Iom Hahatzmaut e Iom HaShoa. Algumas, por mesclarem-se com características ou eventos religiosos têm referência litúrgica. Outras não.





ROSH HASHANÁ



Como toda a festividade do Calendário Judaico, inicia-se pelo acendimento das velas. Elas separam o tempo sagrado do profano e têm inúmeros significados simbólicos: a luz, a alma humana, a sabedoria. O momento é solene, e embora realizado pelas mulheres, costuma envolver toda a família.



A benção Shehecheianu é feita sempre que experimentamos algo novo, ou renovamos uma experiência após longo tempo. É um agradecimento por poder chegar a um bom momento e é recitada antes das festas.

Baruch Atá Adonai, Eloheinu Melech Há Olam, Shehechianu Ve Kimanu Ve Higuianu Lazman Azé.

Abençoado sejas Tu, Adonai, que governas o universo, e que nos fizeste viver, sobreviver e chegar a experimentar este momento.

Todas as ocasiões festivas, no Judaísmo, são marcadas pela presença do vinho, que simboliza a alegria. “A uva é um símbolo que alude ao povo de Israel, visto que de uma videira basta arrancar um pequeno galho e plantá-lo para que se reconstitua novamente.” (Bonder) O Kidush (benção sobre o vinho) é semelhante ao das outras festas judaicas e está no Machzor – livro de rezas específico de Rosh Hashaná e Iom Kipur.

A Chalá (pão) é usado ritualmente, para lembrar a porção de pão dos sacerdotes na época do Templo. Em Rosh Hashaná, a Chalá é redonda, indicando o ano que termina e, ao mesmo tempo, começa. Duas Chalót são utilizadas, lembrando a dupla porção de maná que os judeus recebiam no deserto na véspera dos dias em que não se podia trabalhar.



Além da Chalá, é comum comer-se um pedaço de maçã com mel, simbolizando o desejo de que o novo ciclo que seja doce.

Baruch Atá Adonai, Eloheinu Melech Há Olam, Borê Pri Há Etz.

Abençoado sejas Tu, Adonai, que governas o universo, que fazes o fruto da árvore.

Acrescenta-se:

Iehi Ratzon She Techadesh Aleinu Shaná Tová Umetuká.

Que seja Tua intenção renovar-nos um ano bom e doce.

Após a refeição realiza-se o Birkát Há Mazon. Esta é a benção tradicional que encerra qualquer refeição entre os judeus, e neste momento é acrescida de falas específicas para Rosh Hashaná.

A tradução literal da palavra Rosh Hashaná é "cabeça do ano", sendo considerado o ano novo judaico. Mesmo sendo o início do ano, o feriado não cai no primeiro dia do primeiro mês do calendário judaico. O Rosh Hashaná começa no primeiro dia do sétimo mês, Tishrei, e por isso é como um Ano Novo simbólico. Na realidade, ele sinaliza uma oportunidade para deixarmos os pecados do ano anterior para trás e seguir em frente após receber o perdão de Deus.

O Ano Novo Judaico (Rosh haShaná) ocorre no mês de Tishrei (em meados de Setembro e Outubro no calendário Gregoriano), quando se comemora o aniversário da Criação. É neste dia que Deus abre o livro da Vida e observa com cuidado as suas criaturas, decidindo seus destinos para o ano seguinte. Nesta época, determinados tipos de trabalho são proibidos, e certos preceitos devem ser observados.

Em Rosh Hashana Deus ocupa o papel de juiz e julga seu povo. Assim, voltamos ao toque do shofar. É uma linha demarcatória. Ele avisa que este Rei está julgando e ninguém pode dizer que não tem conhecimento disto. Segundo O Maimônides, o shofar estimula o arrependimento.

Costumes e tradições:

Os alimentos especiais são escolhidos por causa de seu simbolismo positivo, e são arautos de boa sorte no ano que se inicia, como o mel para um ano doce. Come-se cabeça de peixe "para ser a cabeça e não a cauda durante o ano". Na tarde do primeiro dia de Rosh Hashaná, numa cerimônia chamada Tashlich, num rio, jogam-se fora os pecados. As orações estão registradas num livro específico, que também é usado em Iom Kipur e que se chama Machzor. Costuma-se enviar cartões com votos de um bom ano.

Vários alimentos simbólicos são ingeridos na refeição da primeira noite de Rosh Hashaná, e um pedido é recitado para cada alimento. Este costume é baseado em um ensinamento talmúdico: "Presságios são significativos; por isso cada pessoa deveria comer no início do ano abóboras, beterrabas, tâmaras e alhos-poró."

Os sefaradim colocam no centro da mesa uma cesta (Traskal), contendo diferentes espécies de frutas que tenham muitas sementes, para que as

boas ações sejam numerosas no ano vindouro, além de alimentos especiais entre os quais maçã, alho poró, acelga, tâmara, abóbora ou moranga, feijão roxinho, romã, peixe e cabeça de carneiro (que pode ser substituída por língua de boi ou cabeça de peixe). Antes de ingerir cada um dos nove alimentos recita-se um "Yehi Ratson" especial:

Maçã

Mergulhamos uma fatia de maçã doce no mel, recitamos a bênção da fruta (Borê Peri Haêts) e falamos: "Yehi ratson milefanêcha shetechedêsh alênu shaná tová umetucá".
"Possa ser Tua vontade renovar para nós um ano bom e doce".



Chalá

Chalá é um pão trançado ou redondo, usualmente doce, consumido no Shabbat, As chalot (chalot - plural de chalá) servidas em Rosh Hashaná são redondas (ou "Chalot Agula"), símbolo de continuidade e eternidade, como o círculo que não tem começo nem fim; sem ângulos, nem arestas, um pedido para um ano sem conflitos. Costuma-se mergulhar o pão no mel em vez do sal habitual, em todas as refeições desde Rosh Hashaná até o sétimo dia de Sucot.

Mel

O valor numérico da palavra "dvash" (mel) equivale ao valor de "Av Ha'Rachamim" (Pai Misericordioso): assim o mel representa a esperança de que a sentença decretada pelo Supremo Juiz seja amenizada pela Sua compaixão.

Frutas e alimentos especiais

É costume comer carne e vinho doce ou qualquer bebida doce nesta refeição, para ter um ano farto e doce. Na segunda noite de Rosh Hashaná, imediatamente após o kidush, costuma-se ingerir uma fruta nova, a primeira vez que comeríamos nesta estação, a fim de pronunciarmos a bênção de Shehecheyánu.



Tâmara

Costuma-se ingeri-la para que acabem nossos inimigos (em hebraico, yítámu, parecido com tamar).

«Yehi Ratson milefanêcha sheyitámu oyvecha vessoneêcha, vechol mevacshê raatênu». "Possaser Tua vontade que sejam consumidos Teus inimigos e Teus oponentes e todos aqueles que querem nosso mal".

Abóbora, moranga ou cenoura

A palavra "mern", em yidish, pode ser traduzida como "cenoura" e também como "se multipliquem". Por isto comemos cenoura - para que os méritos se multipliquem.

«Yehi Ratson milefanêcha sheticrá rôa guezar dinênu, veyicareú lefanecha zechuyotênu». "Possaser Tua vontade que o decreto ruim de nossa sentença seja rasgado em pedaços, e que nossos méritos sejam

proclamados perante Ti".

Feijão roxinho

"Yehi Ratson milefanêcha sheyirbu zechuyotênu".

"Possaser Tua vontade que nossos méritos se multipliquem".

Romã

Costuma-se ingerir em sinal para que aumentem nossos méritos como os caroços da romã. Há uma explicação que a romã possui 613 caroços - o número das mitzvot da Torá.

"Yehi Ratson milefanêcha sheyirbu zechuyotênu carimon".

"Possaser Tua vontade que nossos méritos cresçam em número como [as sementes] da romã".

Peixe

"Yehi Ratson milefanêcha shenifrê venirbê cadaguim; vetishgach alan beená pekichá".

"Possaser Tua vontade que nós nos frutifiquemos e nos multipliquemos como peixes; e cuida de nós com olho aberto [atentamente]".



As brachot (bênçãos) de Rosh Hashaná

Como toda a festividade do Calendário Judaico, inicia-se pelo acendimento das velas. Elas separam o tempo sagrado do profano e têm inúmeros significados simbólicos: a luz, a alma humana, a sabedoria. O momento é solene, e embora realizado pelas mulheres, costuma envolver toda a família.

Baruch Atá Adonai, Eloheinu Melech Há Olam, Bemitvotav Vetzivanu, Leadlik Neer Shel Iom Tov.

Abençoado sejas Tu, Adonaim, que governas o universo, e que nos santificas através do mandamento de acender as velas de um dia de festa.

A bênção Shehecheianu é feita sempre que experimentamos algo novo, ou renovamos uma experiência após longo tempo. É um agradecimento por poder chegar a um bom momento e é recitada antes das festas.

Baruch Atá Adonai, Eloheinu Melech Há Olam, Shehechianu Ve Kimanu Ve Higuianu Lazman Azé.

Abençoado sejas Tu, Adonai, que governas o universo, e que nos fizeste viver, sobreviver e chegar a experimentar este momento.

Todas as ocasiões festivas, no Judaísmo, são marcadas pela presença do vinho, que simboliza a alegria. “A uva é um símbolo que alude ao povo de Israel, visto que de uma videira basta arrancar um pequeno galho e plantá-lo para que se reconstitua novamente.” (Bonder) O Kidush (benção sobre o vinho) é semelhante ao das outras festas judaicas e está no Machzor – livro de rezas específico de Rosh Hashaná e Iom Kipur.

A Chalá (pão) é usado ritualmente, para lembrar a porção de pão dos sacerdotes na época do Templo. Em Rosh Hashaná, a Chalá é redonda, indicando o ano que termina e, ao mesmo tempo, começa. Duas Chalót são utilizadas, lembrando a dupla porção de maná que os judeus recebiam no deserto na véspera dos dias em que não se podia trabalhar.

Baruch Atá Adonai, Eloheinu Melech Há Olam, Há Motzi Lechem Min Há Aretz.

Abençoado sejas Tu, Adonai, que governas o universo, que retiras o pão da terra.

Além da Chalá, é comum comer-se um pedaço de maça com mel, simbolizando o desejo de que o novo ciclo que seja doce.

Baruch Atá Adonai, Eloheinu Melech Há Olam, Borê Pri Há Etz.

Abençoado sejas Tu, Adonai, que governas o universo, que fazes o fruto da árvore.

Acrescenta-se:

Iehi Ratzon She Techadesh Aleinu Shaná Tová Umetuká.

Que seja Tua intenção renovar-nos um ano bom e doce.

Após a refeição realiza-se o Birkát Há Mazon. Esta é a bênção tradicional que encerra qualquer refeição entre os judeus, e neste momento é acrescida de falas específicas para Rosh Hashaná.

O Toque do Shofar

Em Rosh Hashana Deus ocupa o papel de juiz e julga seu povo. Assim, voltamos ao toque do shofar. É uma linha demarcatória. Ele avisa que este Rei está julgando e ninguém pode dizer que não tem conhecimento disto. Segundo Maimônides, o shofar estimula o arrependimento.

Outro significado do shofar é o de “confundir Satã” que assim será incapaz de cumprir seu papel de acusador de Israel. O shofar mais comum é feito de um chifre de carneiro tornado oco e que lembra o carneiro do Sacrifício de Isaac. Há três sons básicos no sopro do shofar: tekia, uma nota longa e uniforme; shevarim, três notas interrompidas seguidas; e terua, uma série de notas curtas e agudas. São cem os toques do shofar na sinagoga na liturgia de Rosh Ha Shana. O toque se divide em duas partes para “confundir Satã”, que assim pode ser levado a pensar que o segundo toque anuncia o Dia do Juízo, quando Elias tocará o grande shofar para anunciar a reunião dos exílios e a ressurreição dos mortos. Em algumas comunidades toca-se brevemente o shofar em todas as manhãs do mês de Elul até Rosh Hashana, para anunciar um período de arrependimento e no fim do jejum de Iom Kipur.

IOM KIPUR



Iom Kipur é o dia mais sagrado para a religião judaica e, mais que qualquer outra festividade, segue sendo observado pelos judeus do mundo inteiro. É considerado o Shabat dos Shabatot e sua origem está indicada no Levítico 25:30. “ Porque neste dia se fará expiação por vós para purificar-vos; e sereis purificados de todos os vossos pecados perante o Senhor.” Nele, realiza-se um jejum de 24 horas.

Na antiguidade, este era único dia do calendário anual em que o Sumo-Sacerdote entrava no “Santo dos Santos”, espaço do Templo onde ficava a Arca Sagrada. Nesta época, um bode expiatório era enviado para o deserto (Lev. 16:10). Os cabalistas viam este bode como um suborno a Satã para que silenciase suas acusações na corte celestial.

O jejum tem por objetivo fazer com que o homem sinta o sofrimento dos pobres e famintos de todos os dias do ano e, assim, chegue ao ápice da penitência. Não se constituiu numa mortificação e não pretende o alheamento da realidade, nem a sua mudança. A idéia é somar uma nova significação a esta mesma realidade.

Outro aspecto do jejum foi indicado por Filon de Alexandria (20 a.E.C.). Disse ele: -” Quem aprendeu de abster-se de coisas indispensáveis, como comida e bebida, como não se absterá de luxos?” O jejum de apenas 24 horas é uma abstenção equilibrada que deve indicar a necessidade de equilíbrio em tudo na vida; nem comida em excesso, nem abstinência demasiada. Para que o homem chegue na medida justa de autodomínio e abertura ao próximo, o jejum de Iom Kipur e o exame de consciência que faz consigo mesmo e com Deus fará com que veja as coisas em sua justa proporção.

O Iom Kipur é precedido por rituais de penitência, como a cerimônia de Kaparot, a purificação na mikva e um ritual de autoflagelação. Além do jejum, durante o dia os judeus são proibidos de calçar sapatos de couro, de manter relações sexuais e de se lavar. Na sinagoga, a liturgia começa pelo Kol Nidrei (aramaico todos os votos). Rezada três vezes, a oração constitui-se numa declaração de anulação de todos os votos e promessas anteriores que não puderam ser cumpridas,

feitas entre o indivíduo e Deus.

De acordo com a tradição, o texto foi utilizado para redimir os marranos que ficavam obrigados ao ritual cristão. Muitos se reuniam em segredo para a cerimônia de Kol Nidrei. Os próprios cristãos acusavam os judeus de usarem o Kol Nidrei para desfazer todos os encargos e compromissos que tinham jurado guardar. Como os conversos se colocaram “fora da lei...” nesta oração se inclui no texto (...)” e permite-nos rezar junto aqueles que estão fora da lei”. Isto acaba por se constituir numa abertura de retorno para quem, durante o ano, manteve-se alheio ao Judaísmo, embora os rabinos insistam que só os votos entre os judeus e Deus estão abarcados nesta oração.

Passa-se todo o dia em orações, rezando Izkor pelos parentes falecidos, confessando os pecados, pedindo o perdão divino, ouvindo a leitura da Tora, do Livro de Jonas e das prédicas. É parte importante da liturgia o conjunto de confissões que é feito no plural, por que toda a comunidade pede perdão, e antes disto, o chazan (cantor litúrgico) ajoelha-se em nome de toda a congregação. É o único momento em que é permitido a um homem judeu ajoelhar-se. No ritual das confissões (Al chet), podemos reconhecer o mea culpa dos cristãos apostólicos. É costume vestir-se de branco (Kitel), como símbolo de pureza, lembrando que nesta festa os judeus são vistos como anjos. O dia encerra com o serviço de Neila, com as Shemot (profissão de fé judaica) e com um toque do shofar.



SUCOT



Sucot (heb. tabernáculos/cabanas) tem por propósito lembrar aos judeus as cabanas que seus antepassados habitaram quando estavam no deserto durante o Êxodo (Lev. 23:43) e inicia quatro dias depois de Iom Kipur.

Os judeus constroem cabanas temporárias, de tetos feitos de plantas, deixando ver o céu e passar a chuva e para elas transferem sua moradia durante sete dias, lá comendo, estudando e fazendo as tarefas diárias. Somente judeus extremamente religiosos dormem na suca. Em cada noite da festa, sete personagens bíblicos são convidados para a suca como hóspedes rituais, mas se o dono da suca não convidar também gente pobre para juntar-se a eles, os hóspedes rituais se retiram desgostosos.

Tanto a suca em si, como a festa possuem uma simbologia interessante. Lembra a igualdade que deve haver entre as pessoas, fazendo os ricos habitarem com os mais pobres. Filon de Alexandria a via assim, como um instrumento educativo de nivelamento democrático porque ensinava “a igualdade - primeiro princípio e o início da justiça”. Os místicos identificavam a suca com a Presença divina - Shechina- dentro de cujo ser habita todo o universo, e assim entendiam a vida na suca como uma afirmação de fé. Outro significado é que as frágeis cabanas traduziam a generosidade de Deus na natureza e a sua proteção. Estes significados são mais recentes e constituem-se numa evolução da concepção religiosa da festa.

Originalmente, era um festival de colheita muito antigo - cuja origem é imprecisa -, ligado a práticas místicas e mágicas. Na época do Templo, transformou-se numa das três grandes festas de peregrinação, coincidindo como final da colheita anual. Quatro espécies (heb. arba minim) representam o mundo agrícola e são sacudidas juntas, em cada dia da festa (exceto no shabat) , em preces especiais. São elas: o ramo da palmeira (lulav), a fruta cítrica (etrog), o salgueiro (arava) e a mirta (hadas) e estão associadas às orações pela chuva nos últimos dias da festa. Também são conduzidas em cortejo à volta da sinagoga a cada dia e sete vezes no último dia (Hoshana Raba ou Grande Hosana).

Hoshana Raba é revestido de grande santidade.

Segundo a tradição, neste dia a sorte dos judeus no ano que entrou é selada no tribunal celestial. O rito de levar os ramos de salgueiro em sete voltas ao altar do Templo acabou por se associar a promessa de redenção messiânica.

Acredita-se que as espécies representem diferentes tipos de judeus que constituem uma comunidade. A palmeira dá o fruto, mas não tem cheiro agradável e representa o judeu que estuda a Tora mas não cumpre os mandamentos. a mirta tem cheiro agradável, mas não dá fruto; o salgueiro não tem fruto nem cheiro, e o etrog tem os dois. Assim como todas as quatro devem ser mantidas juntas, assim deve a comunidade se unir, pois a força espiritual pode ajudar aqueles que têm espírito fraco.

Segundo os sábios, esta também era uma festa ligada aos não judeus e os judeus ofertavam 70 novilhos ao Templo, representando uma oferenda aos anjos da guarda de cada uma das 70 nações do mundo.

Os significados das leis da sucá



O Talmud ensina que a palavra sucá é derivada de schach que, em hebraico, significa cobertura. A sucá é uma habitação formada por paredes e teto. Para a fabricação das divisórias pode-se usar qualquer tipo de material sólido (pedra, madeira, ferro, vegetal, plástico e até junco). Porém, para construir a cobertura da cabana onde se deve habitar durante Sucot só é permitido usar material vegetal recém-cortado, como folhagem, bambu e madeira, entre outros. As paredes da sucá simbolizam o status social do indivíduo ou da família que a constrói. Elas representam sua posição socioeconômica e o patrimônio adquirido ao longo dos anos. Por isso, a construção das paredes da sucá pode ser feita com qualquer tipo de material, do mais simples ao mais luxuoso. É até permitido construir uma sucá com paredes de ouro ou prata. Mas a lei determina que o schach que é o elemento fundamental da sucá seja feito de um vegetal cortado, que praticamente não tem valor econômico.

Para cumprir o mandamento da sucá, deve-se habitar debaixo da sombra provida pelo schach. Esta sombra representa a proteção Divina que todas as pessoas das mais bem-sucedidas às mais humildes necessitam e almejam. Por representar a Proteção Divina, o schach não pode ser feito de material industrializado pelo ser humano. Ao cobrirmos a sucá com o vegetal tal qual é encontrado na natureza, a nossa intenção é demonstrar que somos todos parecidos e todos necessitamos da proteção do Criador.

Outra lei referente a sucá é a exigência de que dentro da cabana a sombra seja mais importante de que a luminosidade. Por isso, devemos colocar bastante folhagem no schach para que a luz do sol não penetre tanto na sucá. O sol, neste caso representa as posses materiais. Em Sucot, nossa preocupação é com a sombra e a proteção Divina, que aquecem muito mais que o astro-rei.

A Sucá também não pode ser construída com paredes que tenham altura maior que 9,6 m. O Talmud explica a razão: se as paredes da sucá fossem mais altas, a pessoa estaria sentada sob a sombra das paredes e não do schach, como manda a lei. E esta, apesar de aparentar ser exclusivamente técnica, tem uma simbologia significativa. A pessoa deve residir sob a sombra

do schach, ou, como vimos, a proteção Divina. Se sentasse debaixo da sombra resultantes de paredes altas, a pessoa estaria demonstrando que confia mais em suas posses materiais simbolizado pelas paredes da sucá, como explicado acima do que no amparo de D'us.

É esta a finalidade explícita para a construção da Sucá. Uma outra lei de Sucot estabelece que uma sucá que foi construída no ano anterior perde sua validade se não for, de alguma forma, alterada. O Talmud explica que o mandamento da sucá, como outros da Torá, deve ser cumprido de forma ativa: Taassé veló min Heassui o que quer dizer, em hebraico "faça e não [repita o mandamento] que já está cumprido".

O ensinamento de "Taassé" veló min Heassui" é claro, categórico e universal: faça você mesmo as coisas e não espere que os outros as façam por você! Não fique de lado olhando e criticando! Arregace as mangas e coloque a "mão na massa"! Este conceito é a base do judaísmo e de uma vida significativa. A prática do judaísmo não é concretizada com pensamentos e palavras, mas apenas com atos. O ser humano costuma ter um olho crítico: reclama do comportamento de seus semelhantes, chama a atenção de outros e faz pouco caso das agruras alheias. Este não é o desejo de D'us, nem o caminho da Torá. Nossos sábios ensinam que a vontade Divina pode ser cumprida apenas com bons atos.

Para concluir, existe ainda um outro motivo pelo fato de comemoramos Sucot no mês de Tishrei. A sucá, devido à fragilidade de sua estrutura, é uma moradia provisória. De fato, a Torá exige que a sucá seja construída como uma moradia provisória; caso contrário, é inválida para o cumprimento do mandamento. Por que a sucá deve ser uma cabana e não uma bela residência? Para nos lembrar que a vida é passageira. Ao se referir à vida do ser humano, o Salmista declara: "Yamav ketsel over" seus dias são como uma sombra que passa. Consta no Midrash que nossa vida na Terra não é comparável à sombra de uma parede, nem à de uma árvore, mas à sombra de um pássaro que voa.



SHEMINÍ ATZERET É SHIMCHAT TORÁ



No fim de Sucot há uma festa especial denominada **Shemini Atzeret** (heb. convocação do 8º dia). Embora seja um festival independente é agregado a Sucot como sendo seu oitavo dia, numa celebração contínua. O que esta festa representava originalmente não é muito claro, exceto quanto a sua vinculação agrícola. Isto está indicado por um rito especial de orações que é realizado na sinagoga neste dia (Gueshem); uma súplica pela estação de chuvas.

No dia seguinte a **Shemini Atzeret**, celebra-se Simchat Tora (Dia da alegria da Tora) na Diáspora. Em Israel as duas comemorações ocorrem no mesmo dia. Esta festa teve sua origem em torno dos séculos IX ou X a.E.C. na Babilônia e assinala a conclusão da leitura anual e ininterrupta da Tora na sinagoga.

Leis e Costumes:

É a prática em muitas comunidades – e este é o costume Chabad – conduzir "hacafot" e dança com os Rolos de Torá também na véspera de Shemini Atzeret. Na prece de Mussaf começamos a inserir a frase "mashiv haruach umorid hageshem" ("quem faz o vento soprar e traz a chuva") nas nossas preces diárias (como continuaremos a fazer durante o inverno, até o 1º dia de Pêssach).

Hinos especiais sobre a chuva e a água são acrescentados à Mussaf em honra da ocasião. Yizcor é recitado hoje após a leitura da Torá.

Hacafot

Após Arvit, Prece Noturna, e o kidush, prece sobre o vinho, faz-se as Hacafot (danças com a Torá), recitando-se preces especiais e tirando-se da Arca todos os Rolos da Torá, que então passam a ser carregados ao redor da Bimá (mesa onde é colocada a Torá para a leitura) em sete voltas.

Todos recebem a honra de carregar a Torá. As crianças juntam-se também à celebração e diversão, e acompanham a "coreografia" ao redor da Bimá carregando bandeirolas de Simchat Torá.

As Hacafot são repetidas novamente durante o Serviço Matinal, com o mesmo grau de alegria.

Tradicionalmente, **Simchat Tora** é festejada com procissões e danças com a Tora no interior da sinagoga. Lê-se, então, a última passagem e a primeira passagem do recomeço. Os que têm a honra disso chamam-se "noivos da Torá". Esta festa não é mencionada em nenhum tratado judaico e dela só se tem notícia durante o cativeiro da Babilônia.



Em Simchat Torá concluímos, e recomeçamos o ciclo anual de leitura da Torá. O evento é marcado com muita alegria, e "hacafot", feita na véspera e na manhã de Simchat Torá, na qual dançamos com os Rolos de Torá ao redor da bimá. Durante a leitura de hoje da Torá, todos, incluindo crianças abaixo da idade de bar-mitsvá, são chamados à Torá; assim a leitura é feita inúmeras vezes, para que todos recitem a bênção sobre a Torá neste dia.

Leitura da Torá: Vzot Haberachah (Deut. 33-34) Três rolos são tirados da Arca para leitura. No primeiro, a última porção da Torá - Vezot Haberachá - é lida e relida muitas vezes, até que todos tenham sido chamados à Torá. Então meninos que ainda não tem Bar-mitsvá (não completaram treze anos) são chamados à Torá juntamente com um membro destacado da sinagoga. Em seguida a bênção "Hamalach hagoel" (O Anjo que redime) com a qual Yaacov (Jacó), abençoou os filhos de Yossef (José), é pronunciada em nome dos meninos.

Para a porção de encerramento chama-se alguém de destaque que recebe a denominação de "Noivo da Torá". Outro membro é então convocado para a primeira porção de Bereshit, que é lida no segundo Rolo da Torá e é denominado "Noivo de Bereshit".

Finalmente o Maftir, trecho dos profetas que acompanha a leitura da Torá, é lido no terceiro Rolo da Torá. Dessa maneira, a leitura da Torá prossegue porção por porção durante o ano todo, durante todas as épocas, em um eterno ciclo que quando parece se encerrar, logo depois recomeça ininterruptamente.

Isto mostra que não há fim na Torá, que deve ser lida e estudada constantemente, mais e mais, pois a Torá, como o próprio D'us que a deu para nós, é imorredoura. Cumprindo-a, nosso povo forma o terceiro elo na eterna união entre D'us, a Torá e Israel.



מחלקת
חינוך
והדרכה

